

O que Lula encomendou?

Rogério L. Furquim Werneck*

Era só o que faltava. Ao final de três anos de gestão fiscal irresponsável, Fernando Haddad, em entrevista ao **Estadão**, em 13/11 (B1 e B2), externa agora sua expectativa de que seus feitos sejam louvados. “Entreguei tudo aquilo que ele (o presidente) encomendou”.

Mas o que mesmo lhe foi encomendado? A notícia de que Haddad seria nomeado ministro só veio a público 40 dias depois do segundo turno da disputa presidencial, em 9/12/2022, quando o presidente eleito já havia negociado com o Congresso as bases de um amplo pacto de irresponsabilidade fiscal.

Haddad estava mais do que ciente de que o papel que lhe caberia seria o de tesoureiro da farra fiscal que Lula da Silva tinha em mente. E, para se livrar do teto de gastos, teve de promover a espalhafatosa dissimulação do arcabouço fiscal.

Tamanha foi a farra fiscal, com déficit primário de 2,3% do PIB já em 2023, que o governo se viu enredado nas restrições do próprio arcabouço e obrigado a moderar os piores excessos, mas não a ponto de deixar de incorrer em déficits primários. Tendo aberto mão do controle sobre o endividamento, Haddad vem deixando que a dívida bruta salte, em quatro anos, de 72% do PIB, em 2022, para 84%, em 2026.

Confrontado, na entrevista, com projeções mais longas em que o endividamento chegaria a 100% do PIB, o ministro agarra-se ao negacionismo: “Projeção de dívida tem para todos os gostos”. Já seu secretário do Tesouro, em outra entrevista ao **Estadão**, em 6/11, prefere uma leitura rósea das projeções: “O que o mercado espera para o futuro? É uma estabilização da trajetória da dívida”. Para quando mesmo e em que nível, não se sabe, ele próprio reconhece.

O que, sim, se sabe é que, sem mudança de governo, não haverá a menor chance de mudança de regime fiscal a partir de 2027. É o que presumem as projeções que conseguem vislumbrar cenários de estabilização da dívida na próxima década.

Alguém acredita mesmo que Lula, reempossado em 2027, meses antes de completar 82 anos, daria o dito por não dito e abandonaria de vez sua visão neoperonista rasteira de que governar é promover compulsiva e interminável distribuição de benesses eleitoreiras?

É dessa compulsão que Haddad se gaba. Tendo “entregado” a superindexação de benefícios previdenciários e assistenciais, a provisão gratuita de gás e energia elétrica e a demagógica insenção de Imposto de Renda, sonha agora com poder “entregar” ônibus municipais de graça em todo o País. Não para o ano que vem, esclarece, mas, quem sabe, para “o presidente incluir na sua plataforma política”. Ruinoso.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.